

A palavra tecendo laços: da nomeação à criação

Flander de Almeida Calixto¹
Maria Inez Della Vecchia Giannelli²

A palavra em Paulo Freire tornou-se um instigante tema de pesquisa desde o momento que comecei a ter contato com o pensamento lacaniano na psicanálise do campo freudiano. O leitor de pronto, perguntar-me-ia: “o que dois autores, com obras tão díspares, do ponto de vista epistemológico, teriam a ver um com o outro?”

E eu responderia que venho percebendo a importância, por um lado, dos conceitos lacanianos na relação entre consciente e inconsciente e, por outro, do processo de elaboração da linguagem, um importante sistema organizado imprescindível à prática educativa, que foi uma preocupação de Paulo e Elza Freire na época do projeto de alfabetização dos anos 1960.

Depois do século XVII, passou-se a ver o mundo pela lente da razão. A humanidade descolou-se do obscurantismo da idade média, tendo acesso ao conhecimento, trazido pelas Luzes Iluministas, — a era da deusa razão. A sociedade ocidental recusou-se a pensar o mundo pela metafísica. Creditou-se ao deslumbre revolucionário trazido pelo conhecimento, um intenso poder, fazendo das ciências um escudo impenetrável a toda forma de subjetividade.

A euforia revolucionária logo recriou opressão, seu lado perverso, manifesto na organização econômica da nova ordem. Houve até quem pensasse em tornar o conhecimento uma religião, — foi o que sonhou August Comte com as sociedades positivistas. Dividiu-se o mundo entre os pensavam a transformação da natureza, e os que faziam o pensado pelos primeiros, estabelecendo uma hierarquia entre os trabalhos intelectual e manual conforme Marx & Engels conceituaram ao

¹ Flander de Almeida Calixto. – integrante da equipe do IPF-Brasil, professor universitário, assistente social, educador popular, doutorando pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – Brasil . Área de concentração da tese: Didática, teorias de ensino e práticas escolares. Tese em curso: *A palavra em Freire e a palavra em Lacan: um percurso pela linguagem*, 2006).

² Maria Inez Della Vecchia Giannelli – professora universitária, pedagoga, coordenadora do projeto de escolarização para crianças com câncer Associação Pró-Hope, doutora pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Brasil. Tese: *Atendimento pedagógico domiciliar: uma escuta para tecer laços* (2004).

tempo do Manifesto Comunista.

A humanidade experimentou, nos últimos três séculos de sua história, uma permanente experiência de redução do tempo gasto para a transformação da natureza. Os processos de inovação tecnológica encurtaram o tempo para a produção de artifícios novos decorrentes da otimização do saber fornecido pelas Ciências. Esses avanços trouxeram importantes conquistas para a qualidade de vida, mas, beneficiaram apenas um conjunto menor de pessoas, as que detinham os meios de produção e o poder que o grande equivalente-geral-das-trocas — o dinheiro—, lhes proporcionava. À margem de todos esses benefícios proporcionados pelo conhecimento permaneceu a grande maioria das populações, sem o acesso a bens e serviços que a nova era produzira, — uma consequência contraditória da Revolução Francesa, que trocou um “poder-sobre”³ por outro. *A sociedade burguesa moderna (...) limitou-se a estabelecer novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das anteriores.* Marx & Engels, (1848). Derrubou-se uma estrutura de injustiça social, mas criou-se outra.

Ao longo da história humana, várias foram as guerras e revoluções que a humanidade experimentou na busca por libertação, e, foram encharcadas com o sangue de muitos em decorrência da ganância e sede de poder de uns poucos. Nenhuma delas foi capaz de desconstruir o eixo da opressão de uns sobre outros. É um fato incontestado, o mal-estar frustrante em face de toda a tecnologia e conhecimento que produzimos como sociedade, não conseguir democratizar mínimos sociais como a dignidade e a cidadania.

O não-saber passou a ser o estigma manifesto de ignorância, o lugar do ser-menos. Não foi ao acaso que Lacan assombrou Lucien Goldman, embasbacado com a reação dos estudantes no maio de 1968, ao contestá-lo, afirmando que “*as estruturas não haviam descido às ruas*”⁴! As estruturas não haviam deixado sua altitude elitista sensibilizadas com uma manifestação popular de recusa ao modelo, —era preciso mais!

³ “Poder-sobre” é uma idéia de Holloway, J.(2003) que diz que o poder sempre se estabelece em qualquer tipo de relação inter-pessoal. O que oprime não é o poder ou sua troca, mas o estabelecimento de algum tipo específico de “poder-sobre”, quer dizer, poder-sobre-o-outro.

O “maio de 1968” representa um sinal dentre outros, do esgotamento do altar sagrado do saber que a “modernidade líquida”⁵ expôs não demonstrar sua incapacidade de responder à demanda da maioria, que vem apostando há três séculos numa era de “liberdade, igualdade e fraternidade”. Uma era que não chegou, apesar de toda uma seqüência de descobertas e avanços científicos. O homem e a mulher continuam famintos, doentes, sem trabalho e a margem da maior parte dos benefícios sociais, de todo progresso, avanço das ciências e do trabalho humano.

É nesse mundo complexo, que o médico psiquiatra e depois, psicanalista Jacques Lacan (1901-1981), recupera o ensino de Freud. Ele recusa a base anglófona de interpretação do freudismo na perspectiva do “sentido” e, instaura um modo de fazer a psicanálise, identificada ao campo freudiano, pela restituição do conceito de inconsciente num paradigma do “fora de sentido”, preservando os princípios da livre-associação por parte do paciente e da escuta analítica. O ensino de Lacan particiona-se em Primeira e Segunda Clínicas, não havendo rupturas de uma pela outra, senão encadeamentos, conforme Miller nos esclarece no Seminário *O lugar e o laço* “ (2001).

Na Primeira Clínica o eixo é a volta a Freud que vai se estabelecer por uma recuperação do conceito do inconsciente freudiano, numa perspectiva ainda de sentido. Na Segunda Clínica, a partir do Seminário 11, Lacan inicia o descolamento de Freud e caminha pelos próprios passos numa nova topologia, —é o inconsciente pulsátil que se abre e fecha e o nó borromeano.

Em Paulo Freire, vamos perceber que houve uma tentativa de alguns de seus estudiosos classificarem sua obra em fases ou momentos baseando suas posições no sentido. Na pesquisa, percebemos que estas tentativas embaçam a característica dialética de seu pensamento. Concordamos com Beisiegel (1982) que defende claramente essa continuidade não fragmentada, em função de que o pensamento do educador foi se moldando às situações novas que surgiam no exercício de sua praxis educativa. Esse ponto é a uma referência que nos chamou a atenção comparando os dois autores,— não há semelhanças na epistemologia, mas no modo dialético de conduzir o processo de estruturação do pensamento de ambos, em que, eles se pautaram por uma

⁴ DOSSE, F. 1994, p.149

praxis. A continuidade do ensino de Lacan é o que dá à sua obra, um novo “*organon*”, que pode ser simbolizado pela topologia na Banda de *Möbius*: há “o dentro” e, “o fora”, que são dimensões distintas, mas contínuas pela sua natureza praxiológica. Essa modulação permite às teses de Lacan inverterm-se sem grandes rupturas (Calixto, 2005). Dessa forma não podemos conceber o **consciente** desconectado do **inconsciente**, instâncias que se interpenetram. Um processo em que, o dentro e o fora, do “pensar-falar”⁶ não perceptíveis em profundidade pelo sujeito, interferem nas suas relações com o saber.

Outro ponto do pensamento de Lacan que remete-nos a Freire é a máxima lacaniana: “o inconsciente se estrutura como uma linguagem”, o qual, Lacan tece a relação corpórea do inconsciente com a linguagem. Freire inicia a alfabetização nos círculos de cultura se valendo da linguagem, valorizando o “*saber de experiência feito*”⁷, que o educando traz da vida, defende a leitura de mundo anterior a leitura da palavra que passa pela constituição do sujeito num mundo de linguagem — sua dimensão significante. Podemos perceber no caso da palavra geradora (bonito) em Guiné Bissau. Uma paisagem da vila de pescadores, um peixe de nome Bonito. Educandos vêem a imagem e associam-na a comunidade de Monte Mario: *É Monte Mario. Monte Mário é assim e não sabíamos...*

(...) este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente (...) De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescreve-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. Freire, 1992, p.25

Os famosos encontros de Lacan com seu público se deram em grande parte nos Seminários, espaços de provocação, que não trazem um saber concluído por aquele que o ministra. O Seminário se tece no encontro com os demais. Pensemos agora no círculo de cultura, que é uma espécie de Seminário de aprendizagem, pois os temas geradores ou as palavras geradoras não vêm ao conjunto

⁵ Bauman, Z. (2001)

⁶ Freire(1990, p.123)

⁷ Freire,1992 p.46

das discussões coletivas como um saber estabelecido, não há cartilha, senão a soma do *saber de experiência feito* como nos Seminários, não há uma doutrina senão a do não-saber inconsciente que brota na fala interlocutória de seus participantes.

Conversando sobre tais analogias com a professora Maria Inez Giannelli⁸ ela falava-me de sua experiência com crianças gravemente enfermas, residentes em uma ‘casa de apoio’⁹:

- No ano de 1999 terminei meu mestrado com muitas questões não respondidas. Ao mesmo tempo que era coordenadora de um curso de Pedagogia em São Paulo em universidade privada. Pretendia montar projetos que inovassem o curso. Era minha intenção desenvolver algum trabalho de educação na área de saúde. Descobri que as crianças e jovens gravemente enfermos permaneciam fora do circuito escolar. Entrei em contato com vários hospitais, na tentativa de montar um projeto para atender esse público que há muito me sensibilizava. Após várias tentativas frustradas, entrei em contato com a *Associação Pró-Hope*, que inaugurara uma unidade de apoio destinada a pacientes que não estando mais em situação de internação hospitalar, necessitavam permanecer na cidade para os tratamentos quimio e radioterápicos. Era uma população de baixa renda, que vinha sendo atendida pela rede pública de saúde.

A Associação interessou-se pelo projeto, que foi feito em parceria com o curso de Pedagogia de onde eu trabalhava. Decorridos sete anos obtivemos muitos avanços, como a oficialização do projeto pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo no ano de 2002.

Foram vivenciadas inúmeras versões até que o projeto chegasse ao formato atual. Podemos identificá-lo por uma modalidade de ensino denominada: **Atendimento Pedagógico Domiciliar**, prevista pelo Ministério da Educação e do Desporto¹⁰. Fisicamente o projeto acontece em uma sala—escola que funciona em tempo integral, em dois períodos com dois professores e dois

⁸Integrante do NUPPE – Núcleo de pesquisa de psicanálise e educação da Universidade de São Paulo.

⁹ Casas de apoio são residências temporárias, onde as crianças, no caso com câncer, ficam hospedadas por períodos que variam entre dois a quatro anos para tratamento. São crianças e jovens de todo o Brasil, que vem a São Paulo, centro de referência em atendimento para câncer. Recebem assistência total, para si e seu acompanhante.

¹⁰ BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar. Estratégias e Orientações. Secretaria de Educação Especial. Dezembro, 2002, 35p.

assistentes de apoio nos dois turnos, atendendo por ano um público flutuante de 100 alunos em média. O projeto tem como características: a presença flexível para o aluno, a multisseriação e o atendimento em multiníveis. O grupo de alunos é sempre variável e convivemos com a articulação da imprevisibilidade na cotidianidade da sala de aula e a não improvisação do ato educativo, ênfase na identificação e autonomização do sujeito, centrado na leitura compartilhada e na “prática entre vários”¹¹ com os profissionais que se dispuseram participar na equipe.

O projeto tem como objetivo principal trabalhar o não focalizar do circuito de doença e de morte para o de vida e saúde. Promovemos a inclusão desses sujeitos, e abrimos uma escuta pedagógica para essa população, marcada temporariamente por uma inscrição corpórea e por conseqüências e seqüelas decorrentes do câncer.

Uma das metas da escola é inserir e reinsserir o educando na rede formal de ensino ao término dos tratamentos, ou na volta para casa e, conseqüente, nos retornos de acompanhamento do processo de saúde.

Quanto a Metodologia, a que melhor atendeu nossas necessidades foi a “Pedagogia de Projetos”¹². Aplicamos o conceito de transferência usado na psicanálise lacaniana para a construção de laços com o objeto de conhecimento e com o outro, e utilizamos os princípios construtivistas-interacionistas. Nosso projeto é de atendimento individual, com inserção grupal, por meio de um processo articulador.

Os resultados obtidos durante o processo e comprovados nesses sete anos, são a inserção desses alunos no circuito escolar e na rede regular de ensino; o resgate da identificação pela aposta na vida e autonomização do sujeito, decorrente da responsabilização e implicação de cada um em seu percurso de aprendizagem; fortalecimento das relações com os demais do núcleo familiar e da

¹¹ A “prática entre vários” é uma nova via para a Psicanálise Aplicada, em oposição à psicoterapia, entendida como processo multidisciplinar envolvendo um psicanalista entre vários outros profissionais de uma equipe de trabalho institucional. Para Lacan uma prática não precisa ser esclarecida para operar. É o modo de resposta do profissional, seu modo de operar, que decide *a posteriori* se há ou não a verdadeira psicanálise em seu ato. Nabuco apud Lacan, 2001.

¹² (conceituação da autora) –Pedagogia de Projetos: é a articulação dos trabalhos em sala de aula, por suporte de interesse ou de necessidade do grupo. Embora, cada aluno assuma seu projeto pessoal, há uma articulação de caráter

residência e a aquisição de um laço com a vida saindo do circuito pulsional de morte; maior aderência aos protocolos de tratamento; formação de laços com o conhecimento e com o grupo de estudantes; maior envolvimento dos acompanhantes com as crianças ou adolescentes adoecidos e muito especialmente, a aposta na vida e no futuro.

O que percebo é a identificação de um arranjo novo na relação de ensino—aprendizagem, tomando como referência a priorização da diferença como um elemento propiciador de laço com a vida. Entendo que seja essa experiência, um piloto que poderá ser plenamente desenvolvido em outras instituições que trabalhem com populações em situação de risco, quer de saúde, quer por desajustes sociais, e que vivenciem interrupções freqüentes em seus processos de escolarização.

Percebo ainda para além dos conceitos de *escuta, laço e nome do pai*, que orientam o projeto, que o mesmo em sua ação se articula a Paulo Freire. Os conceitos articuladores se estabelecem pela palavra verdadeira/oca(Freire) em que não há o estranhamento pelo “dizer a sua palavra”; – plena/vazia¹³ (Lacan) como a palavra de implicação para a criação. É pela palavra articulada ou manifesta pelo inconsciente que construímos o projeto. É pela palavra (aqui utilizada em sentido amplo de linguagem) que emerge o real de sala de aula. O real que pulsa o tempo todo, e que por ser impossível de ser capturado remete para o imprevisível da educação. Um imprevisível que não pode ser tratado com improvisação porque estaríamos desrespeitando o sujeito que aprende em sua singularidade, uma vez que é a implicação do sujeito que dá o tom do projeto.

Pensar um projeto de educação para este milênio, articulado aos princípios freirianos e lacanianos, é reconhecer que a educação é da ordem do imprevisível, e que não improvisar é escutar o sujeito que aprende, para não calarmos nossa angústia, propondo-lhes o que julgamos importante ou necessário. Suportar a angústia para escutar a palavra do outro é o que pensamos para a educação de nossos dias.

Inverno, 2006

pedagógico que pode ser considerado fator de ‘empoderamento’ do sujeito.

¹³ Escritos, 1998 p.255,

Bibliografia

BAUMAN, Zigmund. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro:Zahar Editores, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar. Estratégias e Orientações**. Secretaria de Educação Especial. Dezembro, 2002, 35p

DOSSE, François. **História do Estruturalismo**. São Paulo:Ensaio:Campinas:Unicamp, 1994.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização leitura do mundo leitura da palavra**. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1992.

_____, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. 10. ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1992.

HOLLOWAY, John. **Mudar o mundo sem tomar o poder**. São Paulo: Viramundo, 2003.

LACAN, Jacques. **Escritos**.Rio de Janeiro:Zahar Editores, 1998.

_____, Jacques. **Seminário 11:os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**.Rio de Janeiro:Zahar Editores, 1973.

MARX, K ; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**.São Paulo: Cortez, 1998.

NOBUCCO, Maria Eugenia. **A prática entre vários**. Psychanalyste attachée à l'Hôpital de Meaux, chargée de cours à l'Université René Descartes-Paris 5. 2005, (Mimeo).